www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 14.09.2014

PRÁTICAS NO ENSINO DE INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO FORMAL
O papel do psicólogo na escola – um estudo de caso

2012

Thaísa Jeanine Pereira e Pereira
Psicóloga Clínica formada no Centro Universitário Jorge Amado.
Aluna de Extensão no Centro Universitário Jorge Amado.
psi.thaisa@gmail.com

RESUMO

A educação é fundamental para que os sujeitos tenham acesso à sociedade e é marcada pela interação. Sendo o ambiente escolar caracterizado pela formalidade, pela regularidade, pelos objetivos claros e específicos, se nomeando, assim, instituição de educação formal. Desta forma, este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar a prática observada em uma instituição de educação formal e qual o papel do psicólogo escolar, proporcionando formas e reflexões acerca de problemas ou melhorias dentro de escolas.

Palavras-chave: Educação formal, escola, aprendizagem, inclusão, construtivismo, psicologia escolar.

---

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Todo sujeito tem direito a educação, pois é o que lhe dá acesso a cidadania. Desta forma, sendo formal ou não-formal, a educação é sempre um modo de interação. Assim, é importante confrontar a teoria e a prática, o legal e o real, trocar experiências e discutir para que a educação seja transmitida (GADOTTI, 2005).

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. Toda educação é, de certa forma, educação formal, no

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade (GADOTTI, 2005).

Portando, neste âmbito de educação formal dentro da escola, o professor é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Sendo assim, o foco é muitas vezes no professor, sendo o mediador de transmissão de conhecimento, porém é o aluno o sujeito em formação. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir de sua prática. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido dentro do seu exercício profissional e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos (GADOTTI, 2005).

Diante disto, no contexto escolar vem surgindo um amplo espaço para a prática da psicologia no intuito de ajudar o desenvolvimento de crianças e adolescentes, a partir dos conhecimentos sobre o funcionamento do psiquismo, podendo ser incluído na equipe escolar, facilitando a compreensão e interagindo dentro desse ambiente.

Apesar de muito se ter questionado sobre a importância do psicólogo neste contexto, já que este profissional é voltado para a saúde e, portanto, deve se alocar em espaços da saúde e não educativos, pois não há mais recursos na educação para a contratação de técnicos, muito menos psicólogos, além disso, os psicólogos são vistos de forma preconceituosa tendo como representação social o cuidar de "doidos" partindo do viés de clinicar, de forma tradicional.

Desta forma, faz-se necessária a presença do psicólogo em instituições escolares, servindo para a melhoria de desenvolvimento das crianças e adolescentes, pois a produção de conhecimento que pode proporcionar a prática de acompanhamento integral à criança e sua família, juntamente com o professor, ou seja, só surgirá efeito se for construído a inserção dos profissionais nestes contextos (GUZZO, 2004).

Diante disto, o papel do psicólogo escolar não deve se limitar ao antigo paradigma de diagnosticar, atendimento, orientação, intervenção e encaminhamento de crianças com dificuldades de aprendizagem e de comportamento forma clínica, como se baseia o surgimento da psicologia, de forma burguesa e individualista.

A proposta é que o Psicólogo educacional veja o aluno não como sujeito problemático ou como um ente separado do sistema relacional (família e escola), mas sim como um sujeito relacional. Além disso, precisa aceitar a ideia de que uma dificuldade de aprendizagem pode estar exercendo alguma função em um dos sistemas no qual o aluno vive (ANDRADA, 2005).

O Psicólogo Educacional precisa criar um espaço para escutar as demandas da escola e pensar maneiras de lidar com situações que são cotidianas, não somente do aluno, mas também professores, especialistas, pedagogos, técnicos, enfim, precisa criar formas de reflexão dentro da escola, com todos os sujeitos para que se possa trabalhar com suas relações, sempre pensando em não estigmatizar ou rotular os alunos que apresentam dificuldades (ANDRADA, 2005).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Porém, uma alternativa que parece mais adequada e que não exclui, pelo contrário, se beneficia das contribuições da Psicologia clínica e da Psicologia acadêmica, seria a do psicólogo escolar como agente de mudanças dentro da instituição-escola, onde funcionaria como um elemento catalizador de reflexões (ANDALÓ, 1984).

Ao reconhecer a importância da psicologia no contexto escolar, junto aos alunos, às suas famílias e aos professores, Souza (1997) aponta a necessidade de mudança na atuação do psicólogo. Historicamente, ele vem desenvolvendo suas atividades focando na individualidade do aluno e na queixa do professor da falta devido às condições de trabalho e, ainda, nas deficiências e dificuldades de aprendizagem das crianças. Dessa forma, as relações sociais existentes na escola não são consideradas como constituintes dos processos de desenvolvimento e aprendizagem (PEDROZA e VOKOY, 2005).

Segundo Martinez (2010), é importante salientar que ambas as formas de atuação, as "tradicionais" – aquelas que podem ser consideradas com uma história relativamente consolidada – e as "emergentes" – as que apresentam com configuração relativamente recente – coexistem e guardam entre si inter-relações e interdependências diversas.

As formas de atuação tradicionais são: Avaliação, diagnóstico, atendimento e encaminhamento de alunos com dificuldades escolares; Orientação a alunos e pais; Orientação profissional; Orientação sexual; e, Formação e orientação de professores; Elaboração e coordenação de projetos educativos específicos (em relação, por exemplo, à violência, ao uso de drogas, à gravidez precoce, ao preconceito, entre outros).

Já as emergentes são: Diagnóstico, análise e intervenção em nível institucional, especialmente no que diz respeito à subjetividade social da escola, visando delinear estratégias de trabalho favorecedoras das mudanças necessárias para a otimização do processo educativo; Participação na construção, no acompanhamento e na avaliação da proposta pedagógica da escola; Participação no processo de seleção dos membros da equipe pedagógica e no processo de avaliação dos resultados do trabalho; Contribuição para a coesão da equipe de direção pedagógica e para sua formação técnica; Coordenação de disciplinas e de oficinas direcionadas ao desenvolvimento integral dos alunos; Contribuir para a caracterização da população estudantil com o objetivo de subsidiar o ensino personalizado; Realização de pesquisas diversas com o objetivo de aprimorar o processo educativo; e, Facilitar de forma crítica, reflexiva e criativa a implementação das políticas públicas.

Podemos dizer ainda que a formação continuada de professores e profissionais que trabalham nas escolas, orientação educacional e profissional, elaboração de programas especiais voltados para dificuldades de aprendizagem e a inclusão de alunos com necessidades especiais ao ensino regular são atribuições que legitimam a prática em Psicologia Escolar.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Historicamente, a proposta de integração escolar foi elaborada em 1972, na Educação Especial, por um grupo de profissionais da Escandinávia, liderados por Wolfensberger, na forma do chamado *princípio de normalização*. Este princípio apregoa que todas as pessoas portadoras de deficiências têm o direito de usufruir de condições de vida o mais comum ou "normal" possível, na sociedade em que vivem (BATISTA e ENUMO, 2004).

A inclusão está relacionada com a importância dos companheiros de brincadeiras na socialização de crianças é de fundamental importância e os estudos feitos nas áreas de Psicologia Social e do Desenvolvimento a têm reforçado.

O adequado desenvolvimento da personalidade e da aprendizagem da língua depende, então, da criança ser exposta a seus companheiros de brincadeiras. Por imitação e por observação, as crianças aprendem não só com seus pais, com a televisão e livros de histórias, mas principalmente em brincadeiras de faz-de-conta, tanto que os modelos preferidos de crianças escolares são outras crianças. O brincar com companheiros, entretanto, é uma habilidade que precisa de tempo para se desenvolver (BATISTA e ENUMO, 2004).

Hoje, quando se fala de escola Integrativa trata-se de uma escola que em tudo semelhante a uma escola tradicional em que os alunos com deficiência (os alunos com outros tipos de dificuldades eram ignorados) recebiam um tratamento especial, pressupondo que a proposta de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais procura evitar os efeitos deletérios do isolamento social dessas crianças, criando oportunidades para a interação entre as crianças, inclusive como forma de diminuir o preconceito (BATISTA e ENUMO, 2004).

Pensando nisso, destaca-se neste trabalho a abordagem construtivista que é utilizada em poucas escolas e acaba abarcando uma série de mitos ou preconceitos diante de pais de alunos ou a comunidade ao redor dessas escolas. Assim, sobre o construtivismo pode-se dizer que tem sido uma abordagem teórica utilizada para orientar o desenvolvimento de materiais didáticos informatizados, principalmente o de ambientes multimídia de aprendizagem. Essa abordagem esteve presente na obra de vários autores, como Piaget, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire, Freud, entre outros e, dependendo de qual deles seja o referencial eleito, configura-se uma proposta pedagógica diferenciada.

Talvez o mais marcante seja a consideração do indivíduo como agente ativo de seu próprio conhecimento, o que no contexto educativo desloca a preocupação com o processo de ensino (visão tradicional) para o processo de aprendizagem. Na visão construtivista, o estudante constrói representações por meio de sua interação com a realidade, as quais irão constituir seu conhecimento, processo insubstituível e incompatível com a ideia de que o conhecimento possa ser adquirido ou transmitido (REZENDO, 2002).

Desta forma, destacamos aqui a definição de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (*apud* ALVES, 2005) que seria a distância entre o nível de desenvolvimento real, que

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

se costuma determinar através da solução independentes dos problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Assim, o passeio pela teoria de Vygotsky alia-se ao modelo da escola construtivista e fornece apoio a inclusão de alunos especiais, pois não estabelece idade certa para esse desenvolvimento acontecer, está incluso no crescimento da criança com deficiência também, ou seja, quem dirá onde se encontra no desenvolvimento real e potencial é a criança e seu desenvolvimento pode ser facilitado com colaboração de outras pessoas.

Assim, a atuação do psicólogo na escola, longe de constituir uma ameaça para o trabalho ou para o espaço de outros profissionais, vem, na sua especificidade, somar-se ao trabalho da equipe, contribuindo para o trabalho intenso e criativo que, dadas as exigências do processo educativo, a equipe tem de coordenar e realizar, sobretudo, é um papel no âmbito onde cada pessoa encontra o impacto refletido de seu ser e de seu fazer na sociedade, onde assume e elabora um saber sobre si mesmo e sobre a realidade que lhe permite ser alguém, ter uma identidade pessoal e social, estando diretamente ligado com a formação do psicólogo voltado para o social. (MARTINEZ, 2010).

2. MÉTODO

Os recursos utilizados para a realização deste trabalho foram: entrevista com a psicóloga responsável por uma determinada escola particular de Salvador- BA, a obsevação não participativa dentro de salas de aulas e relatos das atividades durante as atividades. Onde a participante deve tentar buscar identificar, compreender, criar hipóteses, reflexões e questionamentos e críticas diante da prática do psicólogo escolar, uma vez que é entendido que a definição do psicólogo escolar não é o seu local de trabalho, mas o seu compromisso teórico e prático com as questões da escola. O público alvo desse trabalho são os psicólogos, estudantes de psicologia e interessados no tema.

Instrumentos utilizados: entrevista aberta que tratou as seguintes temáticas: como o psicólogo atua na escola; quais as práticas educativas; a respeito da inclusão de crianças especiais; e qual a linha teórica seguida pela instituição. Além de observação não participativa.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

3. RESULTADOS

Após a prática realizada em uma instituição escolar particular da cidade de Salvador - BA, a pesquisadora especulou que a missão da instituição escolar que proporcionou essa prática se mostra pautada em raízes sólidas, propondo uma atividade pedagógica contínua, renovadora e consistente. A escola acredita que através da educação é possível construir uma sociedade melhor para todos. O ensino fundamental I, da qual foi disponibilizada a prática para este trabalho atende do 1° ao 5° ano, com crianças que geralmente encontram na faixa etária de 06 à 10 anos. Durante esse período, desenvolvem-se as potencialidades individuais com os alunos, estimulando e valorizando suas habilidades. Através do compartilhamento de conhecimentos prévios e da investigação dos temas estudados, buscando construir o saber por meio de práticas significativas, que reconhecem o aluno como sujeito ativo e fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisadora percebeu que as salas de aula e a escola como espaços democráticos, de fortalecimento da autonomia e da autoestima do aluno, onde o convívio com outras crianças em situações diversas fortalecendo o respeito às características individuais de cada sujeito. Neste segmento, os conhecimentos curriculares são ampliados e direcionados à consolidação do desenvolvimento das capacidades intelectuais, afetivas, sociais e físicas. Buscando a construção de competências nas diversas áreas do conhecimento, possibilitando que os alunos sejam capazes de mobilizar os conteúdos trabalhados nas situações e desafios vivenciados.

Desta forma, a estrutura humana da instituição é caracterizada por pedagogos; professores de educação física, artes e inglês; coordenadores; diretora; psicólogo; estagiário de psicologia; auxiliar de classe; auxiliar administrativo; secretaria; vigilante; auxiliar de cozinha; auxiliar de limpeza; auxiliar de digitação.

Sobre a estrutura material foi observada que a escola tem quadra, sala de artes, sala de informática, biblioteca, salas de coordenação, secretária, parque, área de lazer, cantina e banheiros. A respeito das salas de aula, todas possuem ar-condicionado, quadro de regras (chamadas de metas), armários onde são guardados materiais de alunos e professores, cadeiras e mesas, além de terem banheiros, também em cada sala, cada sala tem capacidade para no máximo 20 alunos. Sendo a sala de alfabetização ainda composta por mini-biblioteca, brinquedos variados e uma cama infantil. Além de possuir um espaço ao lado da escola oferecendo atividades físicas como malhação, capoeira, basquete e handebol.

As observações feitas, juntamente com a entrevista, permitem afirmar que esta instituição escolar contempla a atuação do psicólogo de forma tanto tradicional quanto emergente, porém com mais ênfase na forma de atuação tradicional, além de levar em consideração as diferentes formas de desenvolvimento do sujeito abarcando assim a integração da educação como prática social, que envolve a formação do psicólogo.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

4. ANÁLISE CRÍTICA

Diferente da concepção de que o homem nasce tabula rasa, o construtivismo trás a ideia de que o homem já nasce com o conhecimento e é preciso de um estimulo externo para ir em busca da aprendizagem e organização mais elaborada atravessado pelas relações sociais.

Considerando a variedade de intervenção do psicólogo escolar, a escola em questão traz uma abordagem construtivista, onde existe a interação dos alunos entre si, possuindo a liberdade de estabelecer o caminho para seu aprendizado, baseado em regras anteriormente debatidas, desta forma percebe-se que os alunos aprendem a ser autônomos desde pequenos, além de estimular a curiosidade e o espírito investigativo, uma vez que, esses alunos não encontram a resposta pronta, eles próprios discutem e chegam a uma conclusão.

Podemos dizer então, que para a psicologia a abordagem construtivista unifica campos cognitivos e afetivos da aprendizagem, porém a atuação da psicóloga se da de forma mais tradicional, impedindo de acompanhar os campos afetivos, a menos que seja solicitado, caberá primeiramente uma observação e depois uma dinâmica com os alunos, reunião com os pais ou encaminhamento, se necessário. Em entrevista com a psicóloga, ela cita que durante observações realizadas em sala de aula são levados em consideração diversos aspectos, incluindo as relações com os adultos e com os colegas, as atividades pedagógicas, a sociabilidade e o desenvolvimento psicomotor e emocional da criança.

Sobre o acompanhamento para os alunos especiais, crítico de não ser em todas as salas feito por uma profissional da área de psicologia. Durante dois momentos distintos de observação foi visto que a profissional de psicologia tinha mais bagagem e firmeza para lidar com alunos provindos de inclusão, o trabalho realizado é focado devidamente na criança, fazendo com esta criança se desenvolvesse de forma preparatória para conviver na sociedade, desenvolvendo e exercendo a cidadania. Destaco também, não só o desenvolvimento do aluno incluso, como a participação deste no grupo de alunos de sua turma, fazendo refletir que ali não há a exclusão por parte dos colegas de turma e sim um aprendizado para os demais sobre as possíveis diferenças existentes em cada um.

A importância dos companheiros de brincadeiras na socialização de crianças é de fundamental importância e os estudos feitos nas áreas de Psicologia Social e do Desenvolvimento a têm reforçado as crianças se identificam com um grupo constituído dos pares delas, que talham o comportamento delas às normas do grupo e que os grupos contrastam com outros grupos e adotam normas diferentes. Assim, os contrastes intra e intergrupos existem sem quaisquer diferenças reais; os próprios grupos as criam. Reside aqui o grande poder emocional do grupo,

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

resultado de uma longa história evolutiva de sobrevivência dependente do grupo de parentesco (BATISTA, 2004).

Porém, vale ressaltar que se trata de uma escola particular de classe media alta da qual a porcentagem de alunos pobres ou negros é muito baixa cabendo aqui ser lembrada a questão da alienação econômica e cultural, elementos que servem ao desenvolvimento da humanidade e que retrata o interesse das classes no poder.

Pode ser percebido que é respeitado a Zona de Desenvolvimento Proximal de cada aluno, levando em consideração o contexto histórico do sujeito da qual é baseada a teoria de Vygotsky. Nessa concepção o professor é um facilitador tendo em vista que o sujeito já trás em si o que precisa só basta organizar e moldar. Assim, o professor auxilia a criança no seu processo de desenvolvimento, como também foi percebida a ajuda dos próprios colegas de turma. Deixando claro a prática dessa Zona de Desenvolvimento, aplicada no processo de ensino/aprendizagem da escola em questão.

Com o intuito de ajudar no desenvolvimento da prática pedagógica, a psicóloga promove discussões com os funcionários da escola para abordar diversos temas que surgem no cotidiano escolar ou para treiná-los/orientá-los de acordo com a demanda da Instituição. A psicóloga também participa da elaboração de planejamento pedagógico.

Quanto ao atendimento aos pais a psicóloga exerce a integração da escola com a família, sendo solicitada tanto pela escola, como dando a liberdade dos pais também solicitarem. Essas reuniões têm como objetivo criar um espaço onde os pais podem relatar a história de vida da criança e a dinâmica da família e expressar suas expectativas em relação à escola, também com intuito de esclarecer duvidas sobre a abordagem construtivista que causa preconceitos a alguns pais. Assim, possibilita a responsabilidade tanto da escola quanto dos pais na formação da criança.

Por fim, concluo que o espaço da Psicologia diante das finalidades sociais da educação e da própria como ciência deve focar em um posicionamento critico e reflexivo definindo um psicólogo escolar não é o seu local de trabalho, mas o seu compromisso teórico e prático com as questões da escola.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. M. **As Formulações de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal**. Revista de Educação em Ciências e Matemática. Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemática, v. 1, n.1. 2005. Disponível em: < http://pt.scribd.com/doc/101584929/Alves-J-M-As-formulacoes-de-Vygotsky-sobre-Zona-de-Desenvolvimento-Proximal> Acessado em 01 de set. 2014.

ANDALÓ, C. S. de A. **O papel do psicólogo escolar**. Revista Psicologia: ciência e profissão. Santa Catarina, 1984. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100004> Acessado em 01 de set. 2014.

ANDRADA, E. G. C. **Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar.** Revista Psicologia: Reflexão e Crítica. Santa Catarina, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000200007&script=sci_arttext> Acessado em 27 de ago. 2014.

BATISTA, M. W.; ENUMO, S. R. F. **Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros.** Estudos de psicologia, v. 9, n. 1. Espírito Santo, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100012&script=sci_arttext> Acessado em 28 de ago. 2014.

GADOTTI, M. **A Questão da Educação Formal/ Não-Formal**. São Paulo, 2005. Disponível em: < http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf> Acessado em 27 de ago. 2014.

GUZZO, R. S. L. **Psicologia em Instituições Escolares e Educativas: Apontamentos para um Debate.** Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/similar.php> Acessado em 01 jul.2014.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

MARTINEZ, A. M. **O que Pode Fazer o Psicólogo na Escola?.** Em aberto, v. 23, n83. Brasília, 2010. Disponível em: < http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1634/1298> Acessado em 13 de ago.2014.

PEDROZA, R. L. S.; VOKOY, T. **Psicologia Escolar em Educação Infantil: Reflexões de uma Atuação.** Revista de Psicologia Escolar e Educação, v. 9, n. 1. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n1/9n1a09.pdf> Acessado em 27 de ago. 2014.

REZENDE, F. **As Novas Tecnologias Na Prática Pedagógica Sob a Perspectiva Construtivista**. Pesquisa em Educação e Ciência, v.2, n. 1. Rio de Janeiro, 2002. Disponível: < http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/13/45> Acessado em 27 de ago. 2014.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt